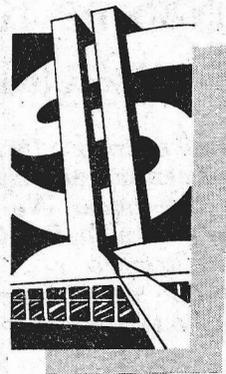


CPI vincula fraude ao esquema PC Farias

O empresário Paulo César Farias contestou sempre, ao depor ontem perante a CPI da Máfia do Orçamento, que as quantias por ele recebidas de empreiteiras tinham qualquer relação com decisões tomadas pelo governo Collor. Eram apenas, segundo ele, "contribuições de campanha". Os membros da CPI, porém, julgam ter provado o contrário, pois identificaram pagamentos feitos fora de períodos eleitorais e concomitantes com a liberação de verbas públicas para as mesmas empreiteiras. PC, porém, não se perturbou. "São apenas ilações", repetiu várias vezes.



O empresário PC Farias não conseguiu convencer os integrantes da CPI do Orçamento de que não tem qualquer envolvimento com o esquema de corrupção no Poder Executivo para a liberação de recursos orçamentários. Durante quase seis horas PC tentou fugir das perguntas que lhe eram feitas, quase sempre evasivo em suas respostas. "Não vou responder", "requeiro meu silêncio".

Mesmo assim, a participação de PC foi considerada útil para a investigação da comissão. No início da inquirição, o deputado Luiz Alfredo Salomão (PDT/RJ), durante mais de uma hora revelou fatos contidos em inquérito da Polícia Federal que vinculam o recebimento de colaborações de campanha à decisões de Governo ou de liberação de recursos orçamentários. O relator da comissão, deputado Roberto Magalhães (PFL/PE), arrancou de PC a informação de que não há a prática das empreiteiras de prever com antecedência percentuais ou valores que serão repassados a candidatos. "E, eu nunca ouvi essa prática", disse ao ser perguntado por Magalhães sobre se seria verossímil a versão de Ailton Reis, diretor da Norberto Odebrecht, sobre percentuais ao lado de nomes de parlamentares contidos em documentos apreendidos em sua casa.

Geralmente contido, PC em alguns momentos perdeu a calma: irritou-se com um quadro exibido pelo deputado Aloísio Mercadante (PT/SP) que dissecava o funcionamento do esquema PC-Collor e avisou que nem comentaria a pe-

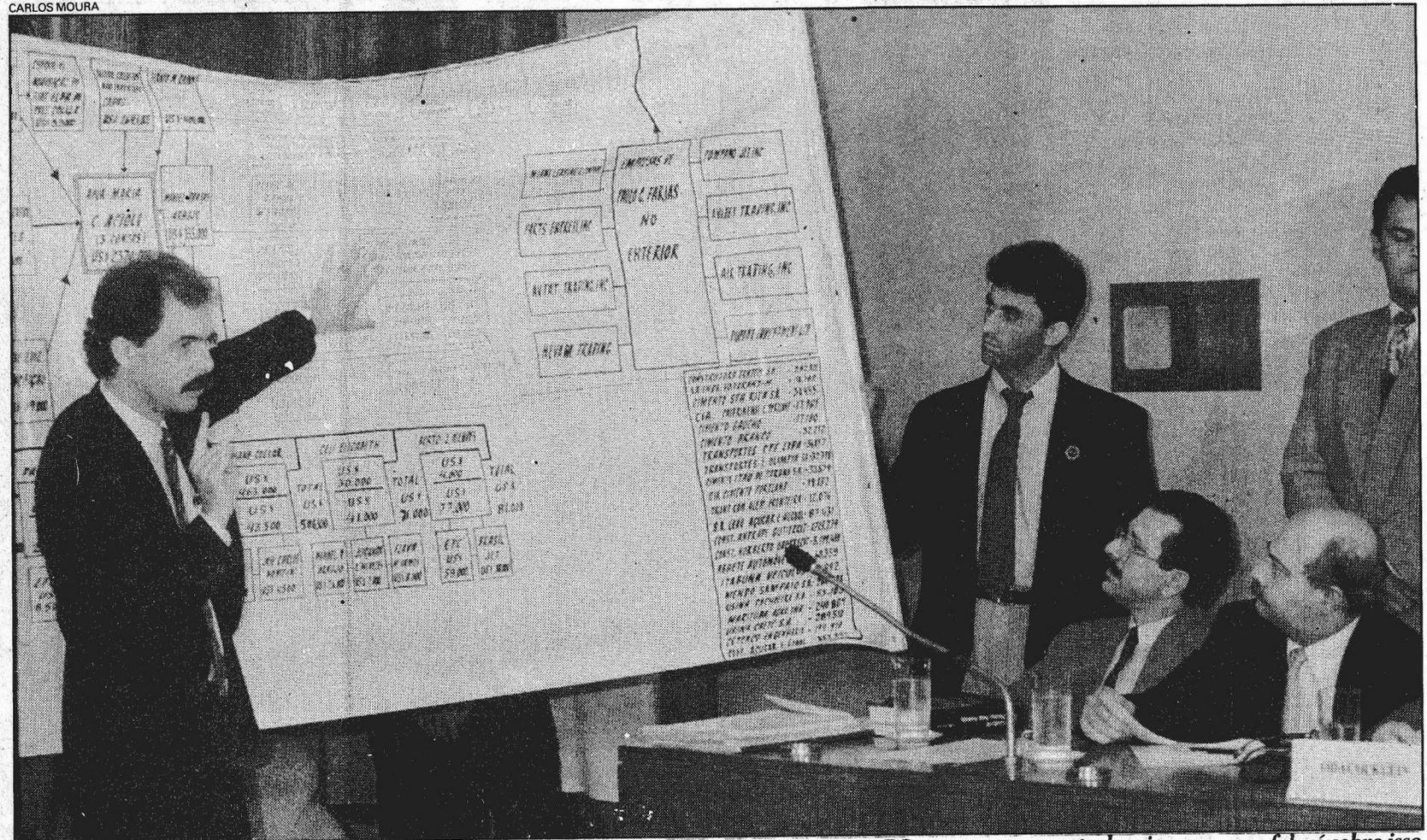
ça. Ele voltou a perder a calma quando o senador Eduardo Suplicy (PT/SP) leu parte do depoimento de Ernesto Luís Mineiro Barbante, do Credicard, à Polícia Federal, em que este afirma que deu dinheiro para PC para renovar o contrato entre a Caixa Econômica Federal e o cartão de crédito. "O depoimento deste cidadão é mentiroso. O Credicard pertence ao Citibank que, pela legislação, Não poderia dar dinheiro para campanha eleitoral no Brasil", reagiu PC. O dono da Servaz, Onofre Vaz, que disse à PF e à CPI do Orçamento ter sido extorquido pelo esquema PC para liberar faturas, também recebeu sua reação irada: "O senhor Onofre é um mentiroso, um desqualificado".

PC também perdeu a calma quando Salomão passou a ler a agenda de PC, que registrava reuniões nos meses de janeiro e fevereiro de 1990, com pessoas que depois seriam nomeadas para cargos no governo Collor. "Olha aqui, deputado", começou PC, que foi interrompido pelo pedetista: "Vossa Excelência não pode falar assim". PC se recompôs, e pediu desculpas e continuou: "Viemos de uma campanha vitoriosa, se o Brasil inteiro queria falar comigo, eu não tenho culpa".

PC ainda passou por momentos de constrangimento, como quando o deputado Moroni Torgan (PSDB/CE) apresentou folhas de sua agenda pessoal que demonstraram, que o esquema PC tinha o seu "fantasma americano", John Burnett. O depoente negou-se a responder qualquer pergunta sobre os disquetes apreendidos na sede da Verax, uma de suas empresas, e que mostravam como funcionava o esquema PC. "Eu desconheço este documento, ele foi apreendido ilegalmente", limitava-se a dizer PC toda vez que era perguntado sobre o assunto.

Demonstrando abatimento em quase todo o depoimento, PC Farias às vezes foi irônico. "Quem é o tio, o senhor ou ele (Collor)?", perguntou Salomão. "Isso é uma derivação de vossa excelência", respondeu PC. Mas quando foi perguntado sobre os recursos arrecadados na campanha de Collor, foi arrogante ao responder ao senador Suplicy: "No segundo turno, contra o candidato do partido de vossa excelência, não precisava sair de casa. Tive que agendar. Tinha fila de empresários querendo contribuir. Não sei porque, todo mundo tinha medo do candidato de vossa excelência", disse.

CARLOS MOURA



Momento de irritação na sessão da CPI: Mercadante mostra um gráfico sobre o esquema e PC, personagem central, avisa que nem falará sobre isso